

**O momento mágico da infância em
As pequenas memórias, de José Saramago**

letrônica

Paloma Laitano¹

*Vivemos num lugar que pode ser como a aldeia onde
eu nasci, mas no fundo habitamos uma memória.*

(José Saramago em *José Saramago: o amor possível*, 2003)

Habitar uma memória é reviver o passado, resgatar os momentos retidos na lembrança e trazê-los de volta para o presente. A infância é nosso passado mais remoto e, no caso do português José Saramago, esse passado reaparece como o lugar mágico para o escritor que, em 1993, aos 71 anos, viu-se compelido a recriar raízes em outras terras que não as suas, momento em que deixa Lisboa para morar em Lanzarote.

Ao escrever seu *As pequenas memórias*, ele organiza suas vivências e, assim, procura compreender quem foi e quem é. Na busca por entendimento conta com o auxílio de Mnemósine, deusa grega, personificação da memória, que ao casar-se com Zeus confere-lhe *o domínio da luminosidade desveladora*,² ou seja, a possibilidade de “dominar” o ontem e, assim, compreender não só o presente, mas também o futuro. Nessa jornada o escritor retorna ao passado mais remoto: a infância. Nesses primeiros anos, busca suas origens, reencontra pessoas e revê lugares que o marcaram. Durante esse processo, promove o encontro entre José Saramago (o adulto escritor) e Zezito (a criança melancólica), possibilitando que o primeiro se reconheça através das lembranças armazenadas pelo segundo, que são evocadas do passado e revividas no presente.

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura. Bolsista do CNPq/PUCRS.

² TORRANO, Jaa. O mundo como função de Musas. In: HESÍODO. *Teogonia* – a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 70.

A partir do exercício de recordação que realiza no livro de memórias, Saramago resgata o tempo, traz do passado o seu momento originário, registra-o, na tentativa de imortalizá-lo. Essa seria, segundo Sócrates, a função da escrita: auxiliar a recordação. O filósofo conta a história de Thoth, deus egípcio, inventor dos números e do cálculo, da geometria e da astronomia, e também da escrita – um poderoso instrumento que fortaleceria a memória dos egípcios. Segundo Sócrates, quando Thoth apresentou essa última invenção ao rei recebeu a seguinte avaliação:

Tu, como pai da escrita, esperas dela com o teu entusiasmo precisamente o contrário do que ela pode fazer. Tal coisa tornará os homens esquecidos, pois deixarão de cultivar a memória; confiando apenas nos livros escritos, só lembrarão de um assunto exteriormente e por meio de sinais, e não em si mesmos. Logo, tu não inventaste um auxiliar para a memória, mas apenas para a recordação.³

O rei estabelece a diferença entre memória e recordação, ou seja, *memória seria a retenção das impressões e das percepções*, já a recordação *seria um ato espiritual*,⁴ o ato da recordação ou o próprio recordado. Saramago, no entanto, une esses dois conceitos em seu texto memorialístico, pois para ele a memória é como *um espelho velho, com falhas no estanho e sombras paradas*⁵ e, por isso, devido a essas ranhuras

Muitas vezes esquecemos o que gostaríamos de recordar, outras vezes, recorrentes, obsessivas, reagindo ao mínimo estímulo, vêm-nos do passado imagens, palavras soltas, fulgurâncias, iluminações, e não há explicação para elas, não as convocamos, mas elas aí estão. (p. 130)

Na escrita de *As pequenas memórias*, ele registra aquilo que Zezito reteve na memória, e, durante a concretização desse exercício, o adulto vai recordando os primeiros anos e reconstruindo o vivido. Porém a memória é lacunar, apresenta espaços vazios que precisam ser preenchidos no momento em que nos propomos recordar algo. Nesse sentido, a dúvida aparece naquele que recorda, ou seja, questões como “é minha essa memória?” ou “vivi ou me contaram essa experiência?” são recorrentes naqueles que enfrentam a tarefa de reconstruir algum momento de seu passado.

É o que confessa Saramago ao ordenar suas vivências, pois registra essas incertezas, questionando se o que está relembando são fatos retidos na sua memória ou

³ PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2005, p. 119.

⁴ MORA, J. Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2001, p. 1926-1928.

⁵ SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997, p. 32.

[...] lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido actor inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não falariam, também elas, por terem ouvido contar a outras pessoas.⁶

Além da questão da distância temporal que se faz presente quando o autor se volta para um passado remoto como o da infância, a lembrança é, naturalmente, falha, pois está intimamente ligada ao afetivo, ou seja, somente recordamos aquilo que para nós foi significativo, marcante, seja de uma forma alegre ou dolorida. Quando o recordado tem suas raízes na infância, a questão da afetividade é ainda mais importante, pois retornar aos primeiros anos é resgatar o que de mais íntimo nos marcou.

Saramago encontra seu referente na aldeia de Azinhaga, lugar que hoje existe somente na memória do escritor português, nas relações familiares – principalmente a estabelecida com seus avós –, e em si mesmo, na criança que gostava de andar sozinha e que o adulto definiu como *melancólica* (p. 16).

Narrar os primeiros momentos de uma vida implica um retorno à infância na tentativa de rememorar vivências e situações pessoais, familiares e sociais que dela fizeram parte. Nessa busca, as recordações emergem relacionadas aos sentimentos que marcaram o passado: medos, alegrias, angústias e tristezas. Reconstruir conscientemente esse percurso é perceber as marcas desses momentos vividos pela criança de ontem no adulto de hoje. Saramago resgata esse passado e sentencia, ao refletir sobre ele, que: *Observando a esta distância parecia, e talvez o tivesse sido por alguns momentos, a idade de ouro* (p. 41).

Para George Gusdorf *el escritor que evoca sus primeros años explora un dominio encantado que solo a él le pertenece*.⁷ O que para Gusdorf é um “domínio encantado”, Saramago chama de “momento mágico” e “núcleo duro”,⁸ pois para ele a infância é o lugar originário, responsável por formar o adulto de hoje.

Seja qual for a denominação escolhida, fica evidente a importância atribuída à infância e às experiências da criança. Nesse sentido, José Saramago narra suas memórias na medida em que recorda o passado e reflete sobre o vivido, trazendo para o presente as

⁶ SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 58. Todas as citações seguintes, de *As pequenas memórias*, referem-se a essa edição e serão indicadas apenas com o número de página.

⁷ GUSDORF, Georges. Condiciones y límites de la autobiografía. *Suplementos Anthropos*, La Autobiografía y sus problemas teóricos, Barcelona, n. 29, p. 13, dez. 1991.

⁸ Em entrevista ao jornalista Edney Silvestre para o programa *Espaço aberto*. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=4XDmsXWIDqE>. (Último acesso em 17 de abril de 2009)

passagens da vida de um menino que, apesar de ser personagem principal, em poucas situações recebe autorização para manifestar-se, uma vez que no livro memorialístico predomina a voz do adulto contando o que foi vivenciado pela criança.

As pequenas memórias é o registro da vida que levou entre Azinhaga, recanto de seus avós maternos, e Lisboa, cidade para onde seus pais migraram quando tinha menos de dois anos de idade. Na capital, residem em diferentes lugares, dividindo as modestas acomodações, na maioria das vezes, com a família Barata, com quem estabelecem uma relação que será, em vários sentidos, importante para a formação de Zezito. Assim, a narração se alterna entre os momentos vividos na cidade – experiências escolares e mundanas – e aqueles passados na sua terra natal – experiências afetivas e introspectivas.

Saramago recria essas passagens, reconstruindo para o leitor paisagens, pessoas e momentos que fizeram parte de sua vida e se constituem como *núcleo duro* do adulto. No entanto, a reflexão realizada pelo escritor é objeto de análise no que diz respeito aos fatos lembrados. Ao falar da paisagem da aldeia, por exemplo, além de descrevê-la, tece considerações acerca das percepções de Zezito, o eu-criança, observador do que acontece ao seu redor e de quem emerge a necessidade de entender tudo aquilo que lhe é apresentado. O escritor, durante o exercício memorialístico, coloca a criança a distância, como um outro:

[...] os seus [de Saramago] jovens olhos eram capazes de apreciar e registrar os grandes espaços abertos diante de si, mas há que dizer que a sua atenção sempre preferiu distinguir e fixar-se em coisas e seres que se encontrassem perto, naquilo que pudesse tocar com as mãos, naquilo também que se lhe oferecesse como algo que, sem disso ter consciência,urgia compreender e incorporar ao espírito (escusado será lembrar que a criança não sabia que levava dentro de si semelhante jóia) [...] (p. 13).

Ao narrar essas vivências, o narrador-adulto poucas vezes vocaliza a criança. Por outro lado, o processo de narração inclui a reconstrução do menino, agora personagem da história, e reinventado juntamente com sua própria vida. A diferença entre quem narra e aquele que é objeto da narração, é explicada por William Gass, quando fala dos dois ‘eus’ diferentes que aparecem no relato autobiográfico. Gass ressalta que esses textos iniciam com a memória e com a divisão do eu em *aquele-que-foi e aquele-que-é*.⁹

⁹ GASS, William. A arte do self. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 ago. 1994. Mais! p. 4. (Trad. Heloisa Jahn).

Ao não vocalizar a criança (“aquele-que-foi”), Saramago reforça a visão do adulto-escritor-narrador (“aquele-que-é”), na reconstrução de suas memórias de infância.

Saramago, “aquele-que-é”, conhece a história que está narrando e, nesse sentido, é o responsável por selecionar os fatos, organizá-los e, assim, atribuir sentido ao vivido para depois, contá-los, pois o relato da infância, segundo Sissa Jacoby, é

uma recriação do ficcionista adulto sobre os fragmentos do real distante, que sobrevivem na memória enriquecidos pela imaginação literária e organizados em um enredo, mediante a palavra que lhes dá corpo, organicidade, vida. Não a vida real vivida, mas uma nova vida, pensada, interpretada, rearranjada e, graças a essa organicidade ficcional, plena de significados.¹⁰

Gaston Bachelard, em *A poética do devaneio*, dedica um capítulo aos devaneios¹¹ voltados à infância. De acordo com filósofo francês, *A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada.*¹² Desse modo, o memorialista é capaz de reimaginar suas vivências infantis, recriá-las, organizá-las e, assim, atribuir significado ao vivido. Como afirma Jacoby: *ao escrever uma autobiografia o escritor dá expressão a um ser mais interior, no sentido de que acrescenta à experiência do vivido a consciência dessa experiência,*¹³ e, assim, com o objetivo de apresentar-se como foi, recria a sua existência,¹⁴ *ou seja: cria, e ao criar é criado.*¹⁵

Zezito é, portanto, recriado como um menino contemplativo, observador, que armazena tudo aquilo que acontecia a sua volta, registrando na memória as vivências infantis. Saramago é, por outro lado, o adulto, escritor que, ao recordar as experiências dessa criança introspectiva, reflete sobre elas e as recria, construindo, no texto memorialístico, um diálogo entre o passado e o presente. Da infância resgata as experiências marcantes, valorizadas pelo adulto e objeto de sua reflexão, pois embora vividas pela criança, em muitos momentos, esta parece não ter consciência da importância daquilo que está presenciando. Por isso Saramago enfatiza que as

¹⁰ JACOBY, Sissa. *Autobiografia e ficção: memórias, fingimentos e verdades em Camilo José Cela*. Porto Alegre, PUCRS, 1999. (Tese de doutorado) p. 71.

¹¹ O devaneio, segundo Bachelard, é a lembrança de um momento do passado em forma de imagem. BACHELARD, Gaston. Os devaneios voltados para a infância. In: *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 99.

¹² Id., *ibid.*, p. 94.

¹³ JACOBY, op. cit., p. 146.

¹⁴ GUSDORF, op. cit., p. 16.

¹⁵ JACOBY, op. cit., p. 146.

experiências vividas e armazenadas pelo seu eu-criança são jóias que o menino não percebe, mas que o adulto irá valorizar.

Segundo George Gusdorf, a autobiografia é o encontro do homem com a sua imagem, que apesar de ser *un otro yo-mesmo, un doble de mi ser*,¹⁶ é mais frágil e vulnerável, na medida em que é recriada pelo escritor. Ao recriar a infância e a criança que nela ficou retida, esse outro aparece ainda mais rarefeito. Na tentativa de presentificar a imagem de Zezito, Saramago traz elementos de sua infância que marcam a imagem que guarda de si, e, na medida em que recorda as lembranças armazenadas, também confere importância àquilo que elege no momento da narração.

Ao recordar os lugares que aparecem como fundadores, por exemplo, resgata do passado a humilde casa de seus avós maternos, o *Casalino*, como era conhecida. Refere-se a ela *como o lar supremo* que foi, para Zezito, um *mágico casulo onde [...] se geraram metamorfoses decisivas da criança e do adolescente*. A casa a qual se refere já não existe, mas através do poder *reconstrutor da memória*, Saramago reergue as paredes, refaz os cômodos que abrigavam Dona Josefa e Seu Jerônimo, familiares que marcaram a infância com histórias e ensinamentos. (p. 15 e 16)

Josefa e Jerônimo são personagens (na vida e nas memórias) de extrema importância para Zezito e José Saramago (a criança e o escritor). A história de seus ancestrais, sempre ligada à terra, está também atrelada à casa, pois, segundo a avó teria contado, foi a esse humilde refúgio

[...] que vieram acolher-se os [...] avós depois de casados, ela, segundo havia sido voz corrente no tempo, a rapariga mais bonita de Azinhaga, ele, o exposto na roda da Misericórdia de Santarém e a quem chamavam ‘pau-preto’ por causa da tez morena. Ali viveriam sempre. Contou-me a avó que a primeira noite passou-a o avô Jerônimo sentado à porta da casa, ao relento, com um pau atravessado os joelhos, à espera dos ciumentos rivais que haviam jurado ir apedrejar-lhe o telhado. Ninguém apareceu, afinal, e a Lua viajou (permita-se-me que o imagine) toda a noite pelo céu, enquanto minha avó, deitada na cama, de olhos abertos, esperava o seu marido. E foi já madrugada clara que ambos se abraçaram um no outro (p. 86).

A história lhe foi contada, mas Saramago a recria, romanceia e, assim, intensifica a importância que confere a essas duas figuras e às suas trajetórias. A recordação dos avós aparece de maneira ostensiva e marcante durante a narração das memórias. A recorrência de passagens que trazem um ou outro como figuras centrais evidencia que

¹⁶ GUSDORF, op. cit., p. 11.

essas personagens foram, para o escritor, fonte de matéria humana. Foi, portanto, desses criadores de porcos que ele recebeu sua formação mais significativa.

As lembranças do avô, por exemplo, estão relacionadas à figura forte e sábia que representava. Saramago recorda que, nas noites de verão, o adulto e a criança dormiam debaixo de uma árvore, uma grande figueira situada em frente à casa. Dessas lembranças emerge a voz de Seu Jerônimo: *ouço-o falar da vida que teve, da estrada de Santiago que sobre as nossas cabeças resplandecia, do gado que criava, das histórias e lendas da sua infância distante* (p. 120). Saramago divide com o leitor os momentos compartilhados entre avô e neto e, assim, resgata não só a sua infância, mas também as histórias que emergem do passado de Seu Jerônimo.

Presença constante no relato memorialístico, a recordação tanto do avô quanto da avó aparece também ligada à morte. Essas lembranças enfocam passagens nas quais o tratamento dispensado por esses dois sábios camponeses ao assunto influencia diretamente a reconstrução da criança pelo escritor. Zezito dividiu com os avós diferentes experiências, no entanto, a recordação da relação que Dona Josefa e Seu Jerônimo têm com a morte aparece ligada a fatos que foram vividos pelo adulto. O avô morre em 1948, quando o neto já está com 26 anos.¹⁷ O registro da relação do avô com a natureza e da aceitação ou premonição da morte aparece em *As pequenas memórias*, portanto, como marca indissolúvel da memória da criança e do adulto:

[...] poucos dias antes de seu último dia terá o pressentimento de que o fim chegou, e irá, de árvore em árvore do seu quintal, abraçar os troncos, despedir-se deles, das sombras amigas, dos frutos que não voltará a comer (p. 120).

Ali, no quintal, abraçará a figueira que, nas noites quentes, serviu de leito para ele e seu neto e, assim, deixará também a sua marca naquelas árvores, mas, sobretudo, na memória de Saramago, pois este sempre encontrará, na recordação do avô, a figura de um homem ligado à terra, à família e, sobretudo, à vida.

Situação semelhante à morte do avô é retratada na passagem em que a avó fala sobre vida e morte. Dona Josefa está sentada, à soleira da porta de sua casa, refletindo sobre a possibilidade de morrer e sobre sua relação, principalmente, com a vida, quando desabafa: *O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer*. (p. 120) A avó não

¹⁷ AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago: a consistência dos sonhos – cronobiografia*. Lisboa: Caminho, 2008. p. 38.

temia a morte, sua preocupação não estava ligada ao que poderia acontecer depois que viesse a falecer, ao contrário, ela tinha pena de não mais viver, de deixar para trás aquilo que o mundo poderia lhe oferecer e que, por ter vivido sempre na aldeia, tão pouco tinha aproveitado.

As recordações que emergem referentes às figuras dos avós estão ligadas, também, aos ensinamentos recebidos pela criança e que se configuram como formadores do caráter do adulto. Um deles, por exemplo, remete ao dia em que Zezito executava a tarefa de trocar a palha dos porcos e, antes de acabar o trabalho, uma chuva forte e insistente começou a cair, levando a criança a abandonar o que estava fazendo e procurar abrigo. A atitude natural do menino, de se proteger da pequena tormenta, é interrompida por Seu Jerônimo. Ao mandá-lo retornar ao que estava fazendo, o avô sentencia e, ao mesmo tempo, filosofa: *Trabalho que se começa, acaba-se, a chuva molha, mas ossos não parte* (p. 125).

A criança, obediente, voltou ao trabalho; o adulto, ao narrar o ocorrido, reflete sobre o episódio e, não só concorda com o avô, mas também, ao reconstruir aquele momento, através dos caminhos sinuosos da memória, é capaz de afirmar que, embora encharcado, estava feliz.

Azinhaga, assim como os avós, estão distantes de Saramago, quando ele passa a residir em Lisboa, com os pais. É na metrópole que eles dividem as diversas moradas com outras famílias. Nesse novo ambiente, diferente em tudo da vida na aldeia, ele convive com outras pessoas – não mais desfrutando da “solidão” do campo – e inicia sua educação formal. Também na capital, Saramago vivenciará situações que, retidas na memória, serão evocadas pelo escritor. A infância pobre e a falta de recursos, bem como as dificuldades nas relações familiares, aparecem descritas em diversas passagens do livro. No entanto, mesmo que muitas das lembranças resgatadas remetam a momentos tristes, difíceis e delicados, a narração das experiências de seu eu-criança, ocorre de forma natural, pois apesar de ficcionalizar muitas das vivências, não dramatiza o passado que evoca, apenas registra e reflete sobre ele.

Indícios da dificuldade financeira vivida pela família aparecem nas constantes mudanças de endereços, uma vez que estavam sempre à procura de lugares que significassem um custo menor. Em uma das casas, por exemplo, Saramago dormia no mesmo quarto de seus pais: *eles na sua cama de casal, eu num pequeno divã, a bem dizer um catre, por baixo da parte esconsa da água-furtada* (p. 68). Em outra referência,

embora não dividisse a alcova com os progenitores, *dormia na outra divisão da parte de casa que ocupávamos, no chão e com as baratas* (p. 57).

A memória recupera não só a ocupação de um pequeno espaço na residência mas, também, e principalmente, a precariedade da situação que expõe o menino ao convívio com baratas. A questão da higiene aflora como um fator importante, uma vez que não havia banheiros nas casas nas quais moravam: *tais luxos não existiam, uma pia a um canto da cozinha, por assim dizer a céu aberto, servia para todos os tipos de despejos, tanto dos sólidos como dos líquidos* (p. 51).

O relacionamento de Zezito com os pais aparece como uma situação delicada na infância do escritor. A mãe, Maria da Piedade, apesar de, em determinado momento, partilhar a refeição com o filho: *comíamos a sopa, minha mãe e eu, do mesmo prato, cada um do seu lado, colherada ela, colherada eu* (p. 108), não aparece como personagem marcante no relato memorialístico. A recordação dessa refeição, compartilhada entre os dois evidencia certa cumplicidade, pois dividiam não só o alimento, mas também o prato. No entanto, o relacionamento entre mãe e filho não evolui, uma vez que o relato das memórias não enfoca nem confere importância à figura de Maria da Piedade. A ausência de referência a momentos que descrevam ou evidenciem a troca de afeto acaba por caracterizar uma lacuna, o distanciamento entre os dois.

A relação entre o pai e a mãe também aparece como uma situação delicada nas memórias de Zezito. Alguns momentos presenciados pela criança servirão de mote para a postura que o adulto tomará diante do sexo feminino. A menção às agressões que sua mãe sofria surge na recordação de uma viagem à Azinhaga, quando ia somente parte da família, ficando o pai em Lisboa. Maria da Piedade, ao chegar à aldeia, deixava os filhos, Francisco (o irmão mais velho que faleceu ainda criança) e José, aos cuidados da avó e ia visitar suas amigas da juventude. Segundo Saramago, um dos assuntos entre as amigas seria os maus tratos que sofria do marido: *desnortado pelas alegrias eróticas da metrópole lisboeta* (p. 73). A passagem acima é a única referência aos desentendimentos entre os pais. Entretanto, para Saramago, *assustada testemunha de algumas dessas deploráveis cenas domésticas*, a recordação é marcante e serviu-lhe de vacina, pois as cenas por ele presenciadas, garante, seriam o motivo de nunca ter levantado a mão para uma mulher (p. 73).

As relações com a figura feminina e, também, com o sexo permeiam o relato memorialístico de Saramago. Exemplo disso é a lembrança de uma de suas primeiras experiências com a prima, recordando que o movimento de aproximação foi o do menino que *levou o pé direito a tactear o púbis já florido da Piedade*. O adulto reflete sobre esse passado concluindo que esses primeiros anos eram, sim, *tempos de inocência* (p. 39). A inocência era não só da criança, mas também dos adultos que colocavam ambos a dormir na mesma cama, permitindo, assim, a aproximação dos primos sem nela encontrar malícia alguma.

Outra figura feminina recordada em suas memórias é a vizinha Deolinda com quem ensaia um início de namoro, mas que acaba não tendo futuro. Na reflexão que faz sobre essa relação, o adulto-escritor racionaliza o fato e atribui a falta de sucesso do romance à possível sensibilidade da criança no que diz respeito não só aos sons, mas também à carga semântica das palavras. Isso porque o sobrenome da vizinha era Bacalhau e Saramago, ao refletir e atribuir significado ao vivido, afirma que Zezito não gostaria que a sua mulher *fosse pela vida carregando com o nome de Deolinda Bacalhau Saramago* (p. 43). A memória traz para o presente o início da preocupação com a língua e com o vocabulário. Em entrevista ao jornalista José Céu e Silva, Ana Reis, neta do escritor, ressalta algo que aprendeu com seu avô, ou seja, *usar o nosso vocabulário de forma correta, porque ele sempre faz questão de usar aquela que é a palavra certa para a ocasião*.¹⁸

A sensibilidade do menino aparece também na relação que estabelece com as artes. Exemplo disso é o gosto pelo cinema, pois alguns dos momentos marcantes de sua infância foram os passados dentro das salas do Piolho. Nas sessões de cinema mudo, a criança se divertia com as personagens: Charlot (Charles Chaplin) e Pamplinas (Buster Keaton), Bucha e Estica (Gordo e Magro) e os que mais gostava Pat e Patachon (Harald Madsen e Carl Schenstrom) (p. 55).

Mais tarde o espectador se tornaria “roteirista” usando os cartazes expostos na frente do cinema para inventar os enredos dos filmes para seus amigos:

A partir dessas poucas imagens, no total umas oito ou dez, armava eu ali mesmo uma completa história, com princípio, meio e fim, sem dúvida auxiliado na manobra mistificadora pelo precoce conhecimento da Sétima Arte que havia adquirido no tempo dourado do ‘Piolho’ da Mouraria (p. 103).

¹⁸ CÉU E SILVA, João. *Uma longa viagem com José Saramago*. Lisboa: Porto Editora, 2009. p. 97.

Em *As pequenas memórias*, a formação do futuro escritor não aparece somente na criação que Zezito realizava para seus amigos, mas remete também à lembrança da escola, onde aprendeu as primeiras letras, que ecoa como uma memória marcante da criança (p. 58). Zezito aprende a ler depressa, não só com as aulas, mas também com a leitura do *Diário de Notícias* quando tentava decifrar as palavras impressas, tropeçando nas letras e não dando crédito às piadas que os adultos, meros espectadores, faziam da cena por ele protagonizada. O pequeno e inseguro leitor olhava o jornal *como se fosse um muro*, porém, após algum tempo de contemplação *a hora de os [adultos] deixar sem fala chegou*. O menino, depois de muito ‘encarar’ as folhas do jornal, *um dia, de um fôlego*, leu, surpreendendo aos presentes *sem titubear, nervoso mas triunfante, umas quantas linhas seguidas* (p. 90).

Na crônica intitulada “Molière e a Toutinegra”¹⁹ Saramago conta que aos oito anos de idade já sabia ler – como podemos verificar na passagem mencionada acima – no entanto, o terreno da escrita ainda era um pouco obscuro. Nesse mesmo texto, o autor diz não ser tão bom na escrita quanto na leitura, porém, *fazia poucos erros para a idade, só a caligrafia era má, e assim veio a ficar sempre*.²⁰ A facilidade com as letras aparece na recordação do primeiro dia de aula na escola nova, quando a professora realizou um ditado e ele, o aluno novo, cometeu somente um erro na tarefa. Como prêmio pelo sucesso, a professora mandou que o novato ocupasse o primeiro lugar da classe. Esse gesto, recordado pelo adulto, permite que afirme ter sido nesse momento *que a história da minha vida começou* (p. 93).

Assim como a escola, as brincadeiras também estão associadas à infância, mas Saramago pouco fala dessa vivência tipicamente infantil. Os poucos brinquedos que menciona, por exemplo, eram, na sua maioria, fabricados em lata e/ou madeira e comprados de vendedores ambulantes. No entanto, guardou na memória um que *consistia numa pequena tábua rectangular em que se espetavam vinte e dois pregos, onze de cada lado, distribuídos como então se dispunham os jogadores no campo de futebol* (p. 40) e com o qual disputava partidas com o pai, em um dos poucos momentos de interação entre os dois.

¹⁹ SARAMAGO, José. Molière e a Toutinegra. In: *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17-20.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 18.

As experiências típicas da infância são alvo da reflexão do adulto que relembra suas “aventuras” de criança e as compara com aquelas dos infantes de hoje. Ao ressaltar as diferenças entre a criança que foi e as que habitam o século XXI, destacando a liberdade da qual desfrutava, demonstra uma opinião crítica com relação à infância hoje. Enquanto Zezito atravessava *sozinho as ardentes extensões dos olivais* e assim ia abrindo *um árduo caminho por entre os arbustos, os troncos, as silvas, as plantas trepadeiras que erguiam muralhas quase compactas nas margens dos dois rios* [o Tejo e o Almonda]; a criança de hoje, ainda muito pequena, *mesmo sedentária e indolente, já viajou a Marte para pulverizar quantos homenzinhos verdes lhe saíram ao caminho, já dizimou o terrível exército de dragões mecânicos* (p. 17).

Colocando lado a lado as duas experiências, Saramago reflete e faz refletir, por exemplo, quando compara as aventuras do *rapazinho de Azinhaga* com aquelas do viajante espacial e sentencia: *é bem provável que o heróico vencedor do tiranossauro não fosse nem sequer capaz de apanhar uma lagartixa à mão* (p. 17).

Dessa época da vida surgem também os medos que vão acompanhar os adultos. Com Zezito não foi diferente, embora o adulto atualmente desfrute, em Lanzarote, da companhia de três cães, em *As pequenas memórias*, relata o ataque de um cão, quando tinha sete anos, e que teria originado o seu medo canino:

[...] dispondo-me eu a entrar no prédio da Rua Fernão Lopes, ao Saldanha, onde convivíamos em arranjo doméstico com outras duas famílias, se abriu de repente a porta e por ela desembestou, como a pior das feras malaias ou africanas, o lobo-d’alsácia de uns vizinhos que, imediatamente, para honrar o nome que tinha, começou a perseguir-me, atroando os espaços com os seus latidos furiosos, enquanto o pobre de mim, desesperado, finto-o atrás das árvores o melhor que podia, gritava que me acudissem (p. 21).

As atitudes que se seguem ao medo podem ser formadoras de caráter, como o que aconteceu quando Zezito, depois de ter desrespeitado uma vizinha de sua tia, ao chamá-la pelo apelido que lhe davam – Pezuda – e ser ameaçado por ela. A mulher disse que faria queixa ao marido, quando esse chegasse do trabalho, e a criança, ciente do que lhe esperava caso a ameaça fosse cumprida, tentou se esconder quando o final da tarde estava chegando. No entanto, sua tia obrigou-o a ficar sentado junto à porta, fazendo com que ele não só assumisse o que fez, mas enfrentasse o medo que sentia: *À hora de ele vir do trabalho, tu sentas-te na soleira da porta e ficas à espera. Se ele te quiser bater, eu cá estou, mas tu não arredas pé* (p. 30).

O adulto não só relembra o fato e o ensinamento recebido pela tia, mas também reflete sobre as consequências desse momento na sua formação e percebe que lições como estas são as *que vão durar toda a vida, das que nos agarram pelo ombro quando estamos prestes a ceder* (p. 31).

Marcantes também são os momentos que passava sozinho em Azinhaga, palco de muitas das experiências de Zezito, em suas, nem sempre frutíferas, incursões como pescador. Certa vez, estava ele pescando sozinho quando sentiu uma grande fisgada no anzol. A sensação de certa euforia que tomou conta da criança e a frustração que se seguiu são lembradas pelo adulto:

[...] sem ter passado antes por aquele tremor excitante que denuncia os tanteios do peixe mordiscando o isco, mergulhou de uma só vez nas profundas, quase me arrancando a cana das mãos. Puxei, fui puxado, mas a luta não durou muito. A linha estaria mal atada ou apodrecida, com um esticão violento o peixe levou tudo atrás, anzol, bóia e chumbada (p. 78).

A distância entre o local da pescaria e a casa dos avós não impediu que ele lá voltasse para pegar outra vara e tentar pescar novamente o peixe. A segunda tentativa, assim como a primeira, acabou frustrada, no entanto, para Saramago, de certa maneira o peixe ficou para sempre marcado, pois *com o meu anzol enganchado nas gueltras, tinha a minha marca, era meu* (p. 79).

Apesar de não ser um pescador de sucesso, em certas ocasiões, acontecia de pescar alguns poucos peixes, o que não garantia o sucesso da empreitada. Exemplo desse insucesso é a ocasião na qual estava com seu primo José Dinis e, ambos, foram enganados por dois meninos da vizinhança os quais, depois de terem se aproximado da dupla e ficarem observando, foram embora, levando consigo os dois peixes que os primos tinham pescado até aquele momento. Os larápios deixaram, no lugar dos peixes, dois gravetos que flutuavam na água (p. 80). Diante da incredulidade das crianças, a situação foi motivo de gozo dos familiares que ouviram a história.

O tempo dedicado à solitária atividade da pesca não era passado em vão, pois ao refletir sobre esses momentos, Saramago reconhece sua importância: *sem que me desse conta, ia 'pescando' coisas que no futuro não viriam a ser menos importantes para mim, imagens, cheiros, rumores, aragens, sensações* (p. 76), ou seja, matéria que seria transformada, mais tarde, em literatura.

As vivências que marcaram o escritor aparecem de diferentes formas em seu texto memorialístico. Quando narra os tombos típicos da infância, por exemplo, quedas que marcaram, não só o corpo, mas também a alma. Isso porque, uma delas teria acontecido quando o menino saiu correndo para pedir dinheiro, em nome de Santo Antônio, a um senhor, porém, antes de atingir seu objetivo, tropeçou, caiu e esfolou os joelhos na calçada de brita. O machucado, o sangue a escorrer pelas pernas, marcaram o corpo, mas juntaram-se à humilhação de ter caído aos pés de alguém que *não havia feito o menor gesto* para ajudá-lo, e esse constrangimento, marcou a criança para sempre (p. 63-65).

A reflexão sobre o passado se faz num diálogo com o presente. Exemplo disso aparece quando o adulto disserta acerca de algumas sensações sentidas quando jovem – às quais se refere como “estados da alma”. O escritor, nesse momento, dá voz à criança que expressa sua contrariedade pois, segundo ela, os adultos, muitas vezes, têm a ideia de que somente eles são possuidores de certos sentimentos e desabafa:

A este adolescente, por exemplo, ninguém lhe perguntou que tal se sentia de humor e que interessantes vibrações lhe estavam registrando o sismógrafo da alma quando, ainda noite, numa madrugada inesquecível, ao sair da cavalaria onde entre os cavalos havia dormido, foi tocado na fronte, na cara, em todo o corpo, e em algo para além do corpo, pela alvura da mais resplandecente das luas que alguma vez olhos humanos terão visto (p. 18).

A lua é imagem recorrente em suas lembranças, o deslumbramento diante desse mesmo luar foi registrado na crônica “E também aqueles dias”.²¹ Em *As pequenas memórias* Saramago afirma que a lua era *a mais resplandecente* e na crônica, anos antes, confessa que devido a essa lua, os luares que se seguiram pouco o comovem, pois: *tenho um dentro de mim que nada pode vencer*.²²

A imagem da grande esfera luminosa e os efeitos que o luar provoca aparecem em outra recordação de Zezito. Essa, embora menos intensa que a primeira, aparece quando estava retornando de um vilarejo vizinho, e é responsável por iluminar tudo ao redor e, assim, mostrar a imagem de

[...] uma árvore isolada, alta, escuríssima no primeiro momento contra a transparência noturna do céu. De súbito, porém, soprou uma brisa rápida. Arrepiou os caules tenros das ervas, fez estremecer as navalhas verdes dos canaviais e ondular as águas parcas de um charco. Como uma onda, soergueu as ramagens estendidas da árvore subiu-lhe pelo tronco murmurando, e então,

²¹ SARAMAGO, José. E também aqueles dias. In: *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 21-23.

²² Id., *ibid.*, p. 22.

de golpe, as folhas viraram para a lua a face escondida e toda a faia (era uma faia) se cobriu de branco até à cima mais alta. Foi um instante, nada mais que uma instante, mas a lembrança dele durará o que a minha vida tiver de durar (p. 20).

Essas duas lembranças instauram um clima de magia na narrativa, evidenciando a presença do ficcionista que recria essas passagens. Segundo Bachelard, *a criança enxerga grande, enxerga belo. O devaneio voltado para a infância nos restitui à beleza das imagens primitivas.*²³ Ao recriar os momentos referidos anteriormente, Saramago reconstrói de forma poética não só as imagens que presenciou, mas as sensações que tomaram conta da criança. A voz do romancista está presente na descrição desse luar, uma vez que, de acordo com Gusdorf, escrever sobre o que aconteceu

no consiste en una simple recuperación del pasado tal como fue, pues la evocación del pasado solo permite la evocación de un mundo ido para siempre. La recapitulación de lo vivido pretende valer por lo vivido en sí, y, sin embargo, no revela más que una figura imaginada, lejana ya y sin duda incompleta [...]²⁴

Nesse sentido, retomando mais uma vez Bachelard, o escritor busca as lembranças remotas, portadoras de um *valor primeiro* e, ao “inventar” esse mundo do passado no presente, reinventa-se.²⁵ Recriar-se no presente a partir das vivências recordadas, como também enfatizou Gusdorf, denota a importância dos primeiros anos como formadores do adulto-escritor, ou seja, as experiências da infância constituem-se como gênese do literário.

O onírico não aparece somente em situações individuais, mas também em momentos coletivos, como nas histórias que os adultos contavam para a criança. Saramago recorda duas lendas das quais os mais velhos faziam uso para explicar certas situações, e que dizem respeito a pessoas que foram castigadas por trabalharem no domingo.

A primeira traz a imagem da costureira, explicação para um barulho que Zezito escutava, igual ao de uma máquina de costura, e que vinha da parede das casas (tanto a da Aldeia, quanto as de Lisboa). Já a segunda refere-se à sombra que se pode ver na lua cheia e que, segundo os mais velhos, é a de um homem condenado a carregar um fardo de lenha nas costas. O adulto de hoje, ao lembrar essas explicações, sugere que, no

²³ BACHELARD, op. cit., p. 97.

²⁴ GUSDORF, op. cit., p. 11.

²⁵ BACHELARD, op. cit., p. 104.

caso da ‘costureira’, ela provavelmente já tenha cumprido sua pena, pois ele nunca mais ouviu os barulhos, nem alguém que fale deles. No entanto, com relação ao homem da Lua, reflete: *espero que venha usar-se da mesma misericórdia com o homem da Lua. O pobre estará cansado. Além disso, se o tirassem dali, se apagassem aquela sombra, a Lua daria mais luz e todos ficávamos a ganhar* (p. 83) e, assim, luares como os que o marcaram na infância talvez voltassem a acontecer.

Ao pensar sobre os acontecimentos passados – seja os vivenciados por ele, seja aqueles cujos protagonistas tenham sido outros –, define alguns momentos marcantes do “início” de sua vida ou da concretização de sua existência. Assim como estabelece que sua história teve início quando a professora o premiou por ter acertado grande número das palavras no ditado (p.93), resgata a história de seus pais para definir o momento que sua vida teria iniciado – *com um cântaro partido*.

No entanto, apesar de ser difícil demarcar o ponto exato do início de sua vida: o dia em que os pais se conheceram, o dia de seu nascimento ou quando acertou as palavras do ditado, sabemos que sua existência não estava completa. Isso porque Saramago afirma que: *ainda teria de voltar à Azinhaga para acabar de nascer* (p.11). O retorno à terra natal é concretizado aos 84 anos, quando resgata suas memórias de infância e percorre, com a mesma liberdade experimentada pela criança os caminhos entre as oliveiras e revisitando as pessoas que lá viveram.

Em *As pequenas memórias*, portanto, o leitor encontra a reconstrução da infância do escritor, de suas vivências, de seus familiares e de si mesmo. Porém aquele que deseja saber mais a respeito desse autor não deve restringir a sua busca obras de cunho autobiográfico, mas deve procurá-lo, também, nos textos ficcionais. Saramago diz quem é através daquilo que escreve, não só em seu texto memorialístico, mas também em suas demais criações. Em *As pequenas memórias*, o memorialista não só recorda as imagens primeiras relacionadas à infância, selecionando aquelas que lhe são mais significativas, mas também, ao recriar os momentos de seu eu-criança, atribui às vivências e experiências primitivas uma visão literária, poética.

Referências

- AGUILERA, Fernando Gómez. *José Saramago: a consistência dos sonhos – cronobiografia*. Lisboa: Caminho, 2008.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CÉU E SILVA, João. *Uma longa viagem com José Saramago*. Lisboa: Porto Editora, 2009.
- GASS, William. A arte do self. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 ago. 1994. Mais! (Trad. Heloisa Jahn).
- GUSDORF, Georges. Condiciones y límites de la autobiografía. In: LOUREIRO, Angel. *Suplementos Anthropos*. La Autobiografía y sus problemas teóricos. Barcelona, n. 29, dez. 1991.
- JACOBY, Sissa. Autobiografia e ficção: memórias, fingimentos e verdades em Camilo José Cela. Porto Alegre, PUCRS, 1999. (Tese de doutorado)
- MORA, J. Ferrater. *Dicionário de filosofia*. Tomo III. São Paulo: Loyola, 2001.
- PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote I, II e III*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARAMAGO, José. *José Saramago: o amor possível*. [entrevista a] Juan Arias. Rio de Janeiro: Manati, 2003. (Tradução Rubia Prates Goldoni)
- SARAMAGO, José. *Os apontamentos*. Crônicas políticas. Lisboa: Caminho: 1990.
- SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- TORRANO, Jaa. O mundo como função de Musas. In: HESÍODO. *Teogonia – a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1991.

Endereços eletrônicos:

<http://caderno.josesaramago.org/>

<http://www.josesaramago.org/site/>

http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1998/lecture-p.html.

<http://www.youtube.com/watch?v=4XDmsXWIDqE>.

http://www.elpais.com/articulo/narrativa/Extrano/enano/elpepuculbab/20080503elpbabn_ar_15/Tes.

<http://www.sololiteratura.com/ggm/marquezbiografia.htm>.

Recebido em: 06/01/2010

Aceito em: 05/08/2010

Contato: palomalaitano@terra.com.br